

08-08-2024

O Método de Ramazzini (IX)

As Doenças dos Atletas

Agnes Zoé Garal

[Assessora de Imprensa Sindical. Supervisora de *clipping*]

Ramazzini (1700, p.193-195), em *As Doenças dos Atletas*, ao lecionar que "*ninguém em Medicina é hóspede tão novo, nem pisou escola médica que não tenha sentido ressoar em seus ouvidos aquele oráculo de Hipócrates sobre "a prática dos exercícios"*" (grifo no original), uma vez mais dialoga com saberes clássicos que permanecem válidos. Relembra os antigos espetáculos dos gladiadores (286 a.C. - 325 d.C.), jogos cuja função egrégia [nobre] era *exibir às populações carnificina humana*". Pontua que havia também jogos não servis, praticados por jovens livres e nobres. Descreve as lesões e síncope a que estavam expostos. E, com sutil ironia, critica a prática excessiva de exercícios e os cuidados médicos que mais pareciam agravar as afecções. "*Todos sabemos também com que cuidados remediavam os males dos atletas [...]: sangria que aplicavam com bastante liberalidade [...] o que podia levar à morte, e fortes purgantes. Para as frequentes luxações de ombro, o prescrito era "banhar, noite e dia, a parte deslocada com azeite quente, cobrir o corpo com uma pele sob a qual ficava desnudo"*. Condenavam a alimentação farta que os tornava sonolentos, preguiçosos e vertiginosos. E "*proíbiam aos atletas o uso dos coitos, para que os seus corpos não enfraquecessem e, ainda mais, prendiam com fivelas as partes pudendas*". O Coliseu, ponto turístico de Roma, foi palco das atrativas e mortais competições entre gladiadores (escravos) e contra animais, que só terminavam após a morte de um dos lutadores. No Império Romano (27 a.C. - 476 d.C.), essas lutas foram uma política ("*Pão e Circo*"), que atraía milhares de pessoas e distribuía pão durante os espetáculos visando manipular as massas a favor dos imperadores. Muitos gladiadores tornaram-se famosos e épicos da filmografia que retrata suas histórias e lendas. Conta-se que Galeno de Pérgamo (129 a.C. - 217 a.C.) foi médico da escola de gladiadores, onde teve oportunidade de estudar a anatomia humana nos corpos dos derrotados. Nos "*Jogos da 23ª Olimpíada - Paris 2024*" (da Era Moderna), atletas continuam a nos encantar com bailados, acrobacias, virtuosismo, superação de recordes, alegrias, tristezas, altivez, divergências, surpresas, emoções e lágrimas em múltiplas tonalidades... Torcidas, pódios, bandeiras tremulando, hino nacional entoado com olhos baços e peito aberto, medalhas mordiscadas... O outro lado das medalhas, menos comentado, e mesmo silenciado, é o das lesões que sofrem os atletas. Lesões (fraturas, luxações, contusões, rompimento de tendões, escoriações, cortes, etc) que encurtam seu tempo em competições esportivas, por vezes, lhes deixando sequelas limitantes ao bem-estar, de seu próprio caminhar ao futuro ou até lhes tirando a vida.

Cinco dias após a abertura dos Jogos de Paris 2024, cerca de sete atletas sofreram lesões que impossibilitam sua permanência na competição. Outros, com danos de menor gravidade, mantêm-se em disputa, com dores, indisposições, e com limitado arsenal paliativo, devido ao risco de serem eliminados por doping. E o que dizer de jovens medalhistas que, aos 25 anos, com múltiplas lesões, revelam incerteza realista de participarem das Olimpíadas de 2028? E dos que, como **Simone Biles**, que em Tóquio (2020-2021), sabiam e corajosamente, escolheram viver ao se retirarem da competição? E dos expulsos por transgredirem regras dos Jogos para além dos jogos, como proibições de passeios e sexo em horários de descanso? Em qualquer modalidade em Paris 2024, é comum observarmos atletas com curativos, faixas protetoras de articulações, tendões e músculos. Notícias e entrevistas em jornais e mídias sociais divulgam conquistas, vitórias, medalhas, adversidades e lesões. O site oficial das Olimpíadas, incluindo o do Comitê Olímpico Internacional, concentra-se em propalar sucessos, seus próprios e dos esportistas. Não encontrei, neste site, informes sobre a saúde dos protagonistas dos Jogos. E muito menos daqueles, como diz **Aversa**, que competiram e quase chegaram, que chegaram exaustos, que reconheceram a ajuda de toda a vida, chegando ou não chegando lá... Histórias que poderiam tornar os Jogos menos lesivos e mais olímpicos... Entre 1912 e 1948, artistas (músicos, escultores, escritores, pintores, arquitetos) puderam disputar as Olimpíadas. Depois desse período, o Comitê passou a considerar que esses artistas eram profissionais que viviam de suas artes. Naquela época, os critérios privilegiavam os atletas amadores. Hoje parecem privilegiar os patrocinadores (ao lado)... que exploram o trabalho dos atletas, que amam suas artes e não amam a dor..

PARCEIROS GLOBAIS



Paris 2024



Gabriel Medina (Surf, Paris 2024).

Foto: Jerome Brouillet/AFP

Desejando-lhes medalhas, Ramazzini, citando Hipócrates, traz uma 'prescrição' de ouro, em nome de nossos/as Surfista Gabriel Medina, Skatista

Rayssa Leal e Ginasta Rebeca Andrade, que 'deve' ser partilhada com todos os atletas brasileiros e de todos os países:

“Trabalho, alimento, bebida, sono, amor, tudo deve ser moderado.”

■ ■ ■

Referências: - Vasconcellos LCF, Gaze R. *Saúde, trabalho e ambiente na perspectiva da integralidade: o método de Bernardino Ramazzini*. *Revista Em Pauta*, 32(11):65-88. 2013; - **Ramazzini**, B. *As Doenças dos Trabalhadores*. Trad. Raimundo Estrêla. 4 ed. São Paulo: Fundacentro. 2016. // Fontes: A... // B... // C... // D... // E... // F... // G...

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.